

**Pensando a sociedade incivil, suas manifestações e alternativas:
entrevista com Muniz Sodré de Araújo Cabral**

*Thinking about the uncivil society, its manifestations and
alternatives: interview with Muniz Sodré de Araújo Cabral*

*Pensando la sociedad incivil, sus manifestaciones y
alternativas: entrevista con Muniz Sodré de Araújo Cabral*

Pedro Barreto PEREIRA¹

Resumo

Após 45 dias de internação em decorrência da Covid-19, Muniz Sodré de Araújo Cabral, professor emérito da UFRJ e titular da Escola de Comunicação da UFRJ, fala sobre a “sociedade incivil”, conceito em que vem trabalhando nos últimos tempos, ao lado da professora Raquel Paiva. A partir da categoria de “sociedade civil”, formulado por Hegel, Lênin e Gramsci, Sodré desenvolve uma proposição teórica que compreende as formas de sociabilidade contemporâneas, fundadas na idiotia, no ódio e na exasperação. Sodré também comenta sobre o que denomina “enclausuramento nas redes” e de que forma isso afeta a luta antirracista. O professor e pesquisador analisa ainda o Jornalismo, a Educação e o papel do professor nos dias atuais.

Palabras-clave: Mídia. Redes sociais. Jornalismo. Racismo. Educação.

Abstract

After 45 days of hospitalization due to Covid-19, Muniz Sodré de Araújo Cabral, professor emeritus at UFRJ and full professor in UFRJ School of Communication, talks about the “uncivil society”, a concept he has been working on recently, alongside of teacher Raquel Paiva. From the category of “civil society”, formulated by Hegel, Lenin and Gramsci, Sodré develops a theoretical proposition that comprises contemporary forms of sociability, founded on idiocy, hatred and exasperation. Sodré also comments on what he calls “imprisonment on the on the social networks” and how this affects the anti-racist struggle. The professor and researcher also analyzes Journalism, Education and the role of the teacher today.

Palavras-chave: Media. Social networks. Journalism. Racism. Education.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, pesquisador em estágio pós-doutoral do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena o Curso de Extensão Mídia, Violência e Direitos Humanos, promovido pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos Suely Souza de Almeida (NeppDH) da UFRJ.

Resumen

Tras 45 días de internación por Covid-19, Muniz Sodré de Araújo Cabral, profesor emérito de la UFRJ y titular de la Facultad de Comunicación de la UFRJ, nos presenta la “sociedad incivil”, concepto en el que ha estado trabajando recientemente, junto con la profesora Raquel Paiva. Desde la categoría de “sociedad civil”, formulada por Hegel, Lenin y Gramsci, Sodré desarrolla una propuesta teórica que engloba formas contemporáneas de sociabilidad, fundamentadas en la idiotez, el odio y la exasperación. Sodré también comenta sobre lo que llama “encierro en las redes” y cómo eso afecta la lucha antirracista. El profesor e investigador también analiza el Periodismo, la Educación y el papel del docente en la actualidad.

Keywords: Medios de comunicación. Redes sociales. Periodismo. Racismo. Educación.

Apresentação

O professor Muniz Sodré de Araújo Cabral nasceu em São Gonçalo de Campos, Bahia, em 1942. Graduou-se em Direito, em 1964, pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) e concluiu, em 1967, o mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação pela Université Paris-Sorbonne, e, em 1978, o doutorado em Letras (Ciência da Literatura) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional, de 2005 a 2011. Possui mais de 40 livros publicados, entre eles, *O Monopólio da Fala* (Vozes, 1982), *O Terreiro e a Cidade* (Vozes, 1988), *A Máquina de Narciso* (Cortez, 1992), *A Verdade Seduzida* (Francisco Alves, 1994), *Claros e Escuros* (Vozes, 1999), *Antropológica do Espelho* (Vozes, 2002), *As Estratégias Sensíveis* (Vozes, 2006), *A Ciência do Comum* (Vozes, 2014) e *Pensar Nagô* (Vozes, 2017). Desde outubro de 2019 ocupa a cadeira 33 da Academia de Letras da Bahia.

O livro *O Monopólio da Fala* inaugura sua pesquisa teórica sobre essa área do conhecimento a partir de uma perspectiva transdisciplinar, “e não interdisciplinar”, como afirma. A categoria *bios virtual*, ou *bios midiático*, apresentado no livro *Antropológica do Espelho*, parte do pensamento de Aristóteles para analisar uma nova forma de sociabilidade mediada pelos meios de comunicação. Em *A Ciência do Comum*, o autor dá continuidade à proposta de estudar a vida em sociedade sob a lente da Comunicação, o que ele denomina de “método comunicacional”. Para Sodré, a definição de Comunicação

passa necessariamente pelo vínculo, pelo afeto, pelo Comum. “A natureza profunda da Comunicação está na vincularidade. Está nas relações que passam por carne, por corpo, por afeto. A vincularidade que começa com pai e mãe, entre um casal, com os filhos, com os amigos, com a comunidade. Portanto, o vínculo não é feito apenas por linguagem. Ele é feito também de afeto. O vínculo é, ao mesmo tempo, linguístico e sensível”, define.

Em 2018, a exposição *O SNI e a Comunicação* – realizada pelo grupo de pesquisa Política e Economia da Informação e da Comunicação (Peic), coordenado pela professora Suzy dos Santos – exibiu parte dos arquivos do Sistema Nacional de Informação (SNI), tornado público após a redemocratização do país, com informações de professores da UFRJ. Nesse material, estavam fichas policiais de 1976 a 1983 com informações pessoais e profissionais sobre Sodré, como menção à sua atividade como professor assistente do Departamento de Comunicação do Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS/UFF) e a participação na assembleia geral de instalação da Associação dos Docentes da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1978.

Recentemente, Sodré incorporou à rotina a gravação de vídeos para a rede social Instagram², nos quais fala sobre o seu período de internação, em decorrência da COVID-19 e demais temas atuais à luz de suas reflexões. A entrevista a seguir foi realizada em dois momentos. O primeiro, no dia 15 de abril, duas semanas antes de ser internado, e o segundo, no dia 25 de agosto, após receber alta, mas ainda realizando sessões de hemodiálise.

Entrevista

P. PEREIRA: *Como tem sido a sua recuperação e a retomada das atividades após da Covid-19??*

M. SODRÉ: O meu caso foi grave. Fui entubado duas vezes. Esta é a fase em que, muitas vezes, o paciente vem a óbito. Fisicamente, eu estou praticamente recuperado, embora ainda esteja fazendo a fisioterapia e a hemodiálise. Mas acabei de fazer os exames e está tudo nota 10! Já estou até querendo treinar Karatê (risos). O meu horizonte é de saída da diálise, que precisei

² Disponíveis em: <https://www.instagram.com/cabralmunizsodre/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

fazer como decorrência da Covid-19. Eu acabei de entregar à Editora Vozes o livro *Sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças* (Editora Vozes), assinado junto com a [professora] Raquel [Paiva]³, que deverá ser publicado até o final do ano.

P. PEREIRA: *O senhor passou boa parte da sua carreira acadêmica realizando o esforço de construir uma epistemologia da Comunicação, buscando afirmar essa área do conhecimento como uma ciência. A partir dessa trajetória, como analisa os tempos de isolamento social em que temos nos comunicado quase que exclusivamente por meio de aparatos tecnológicos?*

M. SODRÉ: Sempre fui um crítico da mídia eletrônica. Mas não um crítico feroz. Sempre procurei ver aspectos que escapavam ao senso comum. Quando publiquei o livro *O Monopólio da Fala*, alguns acharam que estava me referindo ao monopólio econômico, ou à TV Globo, especificamente. Não era nada disso. Embora considere que todo monopólio seja preocupante, não me referia ao monopólio econômico, nem ao discurso do poder. Mas sim ao poder do discurso. Eu me preocupava com a resposta. E dizia: “A televisão fala e você não pode responder”. A não ser por meio de uma pesquisa de audiência em que você diga se gosta ou não de determinado produto televisivo, em uma lógica binária. Depois veio a internet e, aparentemente, resolveu essa questão, permitindo que você fale, que responda a alguém. Mas também não era disso que eu estava falando. Mas você pode responder a alguém como se responde ao telefone. A resposta com a qual eu estava preocupado, e continuo preocupado com ela – portanto, está dentro do meu projeto, como você diz, epistemológico em relação à Comunicação –, não é a da responsividade. Essa responsividade para mim é como nós estamos conversando agora: um aspecto meramente técnico. Estou me referindo

³ Raquel Paiva, professora titular da Escola de Comunicação e professora emérita da UFRJ.

à responsabilidade como uma resposta simbólica forte. É você poder modificar o interlocutor. E a televisão é dona do discurso.

Ora, a internet não resolveu isso. Porque a internet é um sistema de computadores interligados ao redor do mundo por servidores. Mas você não tem o poder de interferir realmente no sistema. O governo tem eventualmente esse poder, censurando, bloqueando aqui e ali. Mas o poder e o monopólio da fala continuam, e ainda mais profundos. Porque é uma linguagem subterrânea, que é a linguagem dos algoritmos, em que você não tem o poder de intervir. E temos assistido às consequências públicas e políticas disso. Essa lógica está elegendo governos, criando políticos. E mais: está ajudando a montar sistemas de vigilância que não sabemos exatamente onde vão parar. Isso já pode estar sendo gestado em alguma parte do mundo, em algum país alinhado com formas totalitárias de governo: o controle por meio dos telefones celulares, da localização e da vigilância de cada indivíduo. E isso é apenas uma das formas de controle. Então hoje, a responsabilidade, da qual falo em meu livro, continua mais longe com a internet. Aí vem outro dado da minha epistemologia, a responsabilidade como princípio ético: é você ser socialmente corresponsável por tudo que se faça. É esse poder de resposta, um poder ético, que eu acho que está sumindo no horizonte.

Portanto, esse meu esforço epistemológico, apesar de eu ter escrito incansavelmente sobre isso, está apenas começando. Muita gente me conhece apenas pelos meus estudos sobre Comunicação. Mas grande parte dos meus livros é sobre cultura negra, embora eles também tenham uma ótica comunicacional. Porém, vários livros meus não falam sobre Comunicação: *O Terreiro e a Cidade*, *Pensar Nagô*, *A Verdade Seduzida*. Mas a Comunicação tem estado realmente no centro do meu trabalho acadêmico. E isso está começando a ser reconhecido por gente de outras áreas. O Brasil é muito compartimentalizado. Você só é reconhecido por aquela especialidade em que você se graduou.

A minha posição é quebrar os tabiques. Eu não acredito mais na autonomia disciplinar das Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia e Filosofia não se misturam. Essa Filosofia que é só Filosofia não me interessa. O que me interessa é a História da Filosofia. A Filosofia, para mim, é a atividade de pensar. E me considero transdisciplinar. Não interdisciplinar, mas trans, de “furar barreiras”. De onde vem isso? Do meu pertencimento aos cultos afros, ao terreiro, onde eu sigo a inspiração de orixás que fazem isso, como Exu, que fura o tempo. Então, quando me manifesto, alguns sociólogos, filósofos ou antropólogos perguntam de que lugar eu falo. A minha resposta a essas pessoas é que o meu lugar de fala é o de obá do *Terreiro do Axé Opô Afonjá*, na Bahia. O obá é aquele que estuda as tradições do seu povo e pode falar sobre elas para o mundo. Essa é a minha função na tradição do Candomblé..

P. PEREIRA: *Nos seus trabalhos, o senhor costuma propor a definição da Comunicação como “vínculo” entre os indivíduos. Este momento de isolamento social em que vivemos reforça ou enfraquece esses vínculos?*

M. SODRÉ: Para mim, a natureza profunda da Comunicação está na vincularidade. Está nas relações que passam por carne, por corpo, por afeto. A vincularidade que começa com pai e mãe, entre um casal, com os filhos, com os amigos, com a comunidade. Portanto, o vínculo não é feito apenas por linguagem. Ele é feito também de afeto. O vínculo é, ao mesmo tempo, linguístico e sensível. Ora, eu não vejo vincularidade na rede. Vejo um poder de comunicação instantânea grande, que, em momentos de crise, como a de agora, é extremamente útil. Para mim, o poder da rede é o poder do megafone: você dá um grito na rua e todos ouvem. Essa potência é de um poder quase divino, que pode estar ao mesmo tempo em todos os lugares. Isso lhe dá uma relação muito grande, pois você pode estar em contato com muitas pessoas e ter a sensação de estar estabelecendo um vínculo. Mas não está.

O contato pelas redes é técnico. O vínculo está na relação afetiva que estabelecemos com as nossas famílias e amigos. A internet pode ajudar a mantê-lo, mas não o constrói. O vínculo é dado antes. A internet é o poder de mobilização da vincularidade que já estava aí. Se você não tem vínculo e está apenas na internet, essa fala não vai criá-lo por si só. Portanto, a fala do vínculo é uma fala transitiva. O que isso quer dizer? Que ela é o prelúdio para a ação. Ela não é *flatus vocis*⁴. Na fala na rede, no meu entender, não há diálogo. Ela é apenas fala. Há uma retroação, um *feedback*, mas não há verdadeiro diálogo. É a fala do papagaio, que reproduz uma fala vazia. É o que chamamos de psitacismo. A fala da rede é um exemplo disso: pode mobilizar ou não, como o megafone. Mas ela não é autônoma, pois, quando você fala na rede, é como se fosse um papagaio dentro de uma gaiola, controlada por algoritmos. Portanto, a linguagem que surgiu na televisão e que passou para a rede é a linguagem matemática dos algoritmos, que estão ganhando autonomia. Só que grande parte daqueles que proferem o discurso de ódio nas redes não existe: são robôs falando uma linguagem psitacista. Isso está sequestrando, destruindo a fala verdadeira. Quando você sequestra a fala, sequestra também a realidade, porque sequestra o entorno, onde as verdades se constituem e se desconstituem.

Então, este momento que vivemos, das redes, me mostra que eu estava certo quando lancei *O Monopólio da Fala*. O problema do discurso da fala continua, e o monopólio só se amplificou, não apenas em termos semióticos como também econômicos. Porque, de toda essa tecnologia, que é promissora e tem um lado positivo, por outro lado vem a contraparte econômica dos monopólios, que aumentou. As *big tech* – *Apple, Facebook* etc. – se agigantaram a ponto de fazer frente aos governos. Se nós não entendermos a natureza real da linguagem, essas coisas que aparentemente são benéficas podem virar os cavaleiros do

⁴ “Vozes ao vento” em tradução livre.

apocalipse. Veja só: outro dia li na internet um artigo do [filósofo] Vladimir Safatle que achei muito bom. Pouca gente tem acesso a esse material. Mas, se você escreve alguma coisa ruim, odienta, violenta etc., aquilo se alastra e contagia milhares de pessoas.

P. PEREIRA: *Recentemente, o senhor criou uma conta na rede social Instagram, que se propõe a intercambiar imagens e vídeos de curta duração entre os participantes da rede. Por que essa opção neste momento?*

M. SODRÉ: Se você observar, os vídeos são realmente muito curtos. O mais longo chegou a quase três minutos. Não pode passar disso. Eu poderia ter escolhido, ainda, o *Twitter*, mas também não saberia como fazer. A Raquel⁵ me incentivou e ensinou a publicar. Aí achei fácil [risos]. Tudo que está ali eu já disse em outras ocasiões. A diferença é que tem muito mais gente assistindo. Fiquei surpreso e pensei: daqui a pouco chega ao tamanho da população da ECO [risos]. Estarei falando para a Escola inteira, não apenas para uma turma de 30 alunos.

Por isso, vejo uma potencialidade nessa mídia, desde que não fique só nela. A crise e o isolamento me levaram a fazer isso. Espero que fique como reflexão. Mas esses temas e essas falas teriam que ser desenvolvidos em um diálogo, que sempre me foi dado pelos alunos. Isso é o que efetivamente me alimenta. Isso é o pensar juntos. O que a rede propicia é um *teaser*⁶. Isso, para mim, é satisfatório, porque estou sendo natural como em uma conversa. E noto que, após duas ou três publicações, fui me familiarizando com aquela mídia.

Penso que a rede tem potencial, sim, mas ele não está sendo utilizado. O que ocorreu com a internet foi o que de pior poderia acontecer: a destruição da tentativa da sociedade de saber o que é verdade e o que é mentira, a construção de boatos e de uma realidade paralela. Os robôs

⁵ Raquel Paiva, professora emérita da ECO e companheira de vida de Muniz Sodré.

⁶ Vídeo curto, geralmente utilizado em campanhas publicitárias para atrair a atenção do público ao lançar algum produto ou serviço.

induziram os votos das pessoas, não só aqui no Brasil como também na questão do *Brexit*⁷ e nos Estados Unidos. E me pergunto: onde isso vai dar?

É a partir dessas reflexões que, neste momento, estou elaborando o conceito de “sociedade incivil”. Penso que esse contexto no qual estamos vivendo está colocando de cabeça para baixo o conceito de “sociedade civil”, formulado por Hegel, Lênin e Gramsci. A sociedade incivil é uma sociedade com a representação política esvaziada, sem diálogo, sem fala verdadeira. Essa é a proposta epistemológica em que tenho trabalhado ultimamente.

P. PEREIRA: *Em um de seus últimos vídeos, o senhor faz uma reflexão sobre o “ódio” e a “idiotia”. Por que é importante falar sobre esses conceitos no atual momento?*

M. SODRÉ: Certamente essas reflexões fazem parte da ideia que tenho formulado de “sociedade incivil”. A “idiotia” é exatamente a situação quando a fala é intransitiva. O conceito original de “idiota” não é pejorativo. *Idiotes*, em grego, é apenas falar a partir de você mesmo. Pode ser até patológico. Em *O Idiota*, de Dostoiévski, o príncipe Míchkin tem uma singularidade. Ele não é um imbecil, mas um idiota, porque fala apenas de si para si mesmo. A distinção entre o idiota e o estúpido, ou imbecil, é que o este é o idiota deliberado, que usa a idiotia para um curso social, podendo ter outra opção. Nós estamos em um momento no qual a rede propicia tecnicamente a idiotia. E o uso que está sendo feito dessa idiotia é a estupidez, a veiculação do ódio. Estamos vivendo uma forma social que não é amorosa, mas de confrontos, de provocações, de embates, de princípios antagônicos. No caso da rede, a estupidez caiu por inteiro no ódio como forma social. O ódio é o afastamento, a dissolução, o

⁷ Referendo realizado no Reino Unido, em 2016, que decidiu por sua saída da União Europeia.

desencontro. Como disse Joaquim Ferreira dos Santos⁸, “vivemos o tempo em que se odeiam árvores”⁹. Então, o ódio como forma social é a prática que a sociedade incivil está adotando neste momento.

Tudo isso está ligado à mídia, mas também ao que chamo de “turbocapitalismo financeiro”¹⁰, que é o modelo atual do capitalismo em que estamos vivendo. O capital não gosta de gente, mas ele ainda precisa de gente. Já o capital financeiro não só não gosta de gente – mas odeia –, porque não precisa dela. Ele é só jogo de roleta, de bolsa, transferência de capitais. É só ficção: o desdobramento do que Marx chamava de “capital fictício” – aquele que se apropria da realidade produzida pelo trabalhador para obter o lucro. Esse é o capitalismo no qual entramos. A mídia estúpida e idiota é parceira do capital financeiro. E os governos que se constituem podem nem entender esse raciocínio, mas sentem que esse é o caminho dele. Ou seja, ele é odioso, é indiferente ao próximo. Ele é o que eu chamo de “Mal”, ou seja, uma potência disruptiva, de destruição e desagregação da vida social. A sua inspiração é o ódio ao outro. Na relação odiosa, não há amigos, apenas inimigos reciprocamente ofensivos. Essa reciprocidade ofensiva está dentro da forma social do ódio. Ela é a forma adequada ao capitalismo financeiro, ao mercado, à política neoliberal. E o resultado disso é a sociedade incivil.

P. PEREIRA: *Em uma postagem no seu perfil na rede social Instagram, publicada em 2 de agosto, o senhor diz que “as redes se alimentam de exasperação” e também que prefere a denominação “protofascismo” para definir “os anseios liberticida que emergem das redes”. As redes seriam a fonte da “sociedade incivil”?*

⁸ Colunista de O Globo.

⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/quem-se-lembrou-de-chorar-as-754-arvores-mortas-so-poesia-23460000>. Acesso em: 31 ago. 2020.

¹⁰ Termo utilizado por Sodré em alguns de seus livros, entre eles, *Antropológica do Espelho* (2002).

M. SODRÉ: As redes são um dos instrumentos utilizados por esse incivilismo, apenas um dos seus recursos. A sociedade incivil é a sociedade civil de cabeça para baixo. Ela se caracteriza pelo descompromisso do capital com a vida humana, com o território humano. Se antes o capital se preocupava com a vida humana – não por bom-mocismo, mas porque lhe interessava a força de trabalho. Já o capital financeiro, segundo Antonio Negri e outros autores, estaria preocupado com o psiquismo, com a “alma”, enquanto a força física do trabalhador está sendo progressivamente substituída por robôs. Na Medicina e em outras áreas, a automação está ocupando espaços antes ocupados por seres humanos. Este capital, portanto, está em um nível de abstração enorme em relação ao território. Ou seja, a vida humana pode estar mal, mas o capital é indiferente a isso. Nos últimos meses, as bolsas de valores subiram, independentemente da tragédia humana que se instalou nos países capitalistas.

Então, eu procuro estabelecer uma articulação – que penso ainda não ter sido devidamente feita - entre o capital financeiro, que é o eixo principal do meu trabalho, e a comunicação. Se o capital produtivo era violento – matou indígenas, negros, brancos trabalhadores – o capital financeiro não é violento, mas sim cruel. Um exemplo dessa crueldade é o caso dessa menina de dez anos, estuprada, que precisou enfrentar a crueldade de grupos religiosos conservadores para fazer valer um direito constitucional de aborto em caso de estupro. Portanto, estão envolvidos na questão da sociedade incivil, de um lado, o capital financeiro, e de outro, a comunicação, se desenvolvendo à sombra e coadjuvando esse capital financeiro. Isso cria uma esfera para o desenvolvimento do *bios virtual* - ou *bios midiático*, apresentado no livro *Antropológica do Espelho*, utiliza o pensamento de Aristóteles para analisar uma nova forma de sociabilidade mediada pelos meios de comunicação – e que acaba por tocar cada um de nós, através da perda de direitos, do desemprego e da precarização do trabalho etc. Ele nos toca como uma sombra que, de vez em quando baixa e, quando isso acontece, surge a

sociedade incivil. Portanto, a sociedade incivil é o tipo de sociabilização que se dá nessa estrutura que vai se expandindo, através dos aparatos da mídia e do capital financeiro.

Nessa sociedade incivil, o jornalismo evanesce. E, neste ponto, o livro é importante para os jornalistas: a sociedade civil ocidental sempre precisou do jornalismo, mesmo o jornalismo sensacionalista, canalha etc. Mas ele sempre foi vital para a expansão do conceito de “civil” apostado à “sociedade”. Por outro lado, o jornalismo também sempre precisou da sociedade civil forte. Então, a equação que eu desenvolvo é a seguinte: havendo sociedade civil, o jornalismo é absolutamente necessário. Mais do que nunca. Só que esse jornalismo se desgruda dos suportes clássicos – do papel, por exemplo – e fica à espera de outras plataformas, que pode ser a própria rede. Então, é nesse vácuo que vem a monstruosidade, as formas que eu não chamo de neofascistas. Não chamo porque o fascismo não ressurgiu. O próprio Mussolini dizia que não criou o fascismo, que apenas tirou o fascismo do inconsciente do povo italiano. Uma parte desse inconsciente, que não é tão inconsciente assim, fica à espera de que um canalha totalitário satisfaça as suas expectativas. Foi o que aconteceu com o povo italiano e, agora, com uma parte do povo brasileiro – já que não existe um povo único, mas diferentes povos. Então, essa sociedade civil exacerba as diferenças existentes entre os povos e desperta no inconsciente o que está latente de bom e de pior nos povos de um país. E, ultimamente, vimos observando o despertar do pior do brasileiro: o ódio, a crueldade, a impiedade. As pessoas não se dão conta de que as suas escolhas se orientam por fazer sempre o pior, é o tropismo pela desgraça do outro. E isso se exacerbou aqui no Brasil no contexto do bolsonarismo. Houve coletivamente um ambiente em que isso desabrochou.

P. PEREIRA: *Haveria espaço para outras formas de sociabilidade fora da sociedade incivil?*

M. SODRÉ: Sim. A sociedade civil gramsciana é a sociedade do mundo do trabalho, das classes produtivas, dos trabalhadores e a sociedade política, que está ao redor dos aparelhos do Estado. Mas não entra o que Hegel denominou de *plebs*, a massa, que seria aquilo que não foi assimilado totalmente pela sociedade civil. Ora, na *plebs*, há instituições tão ou mais duradouras do que aquelas existentes na sociedade civil. Por exemplo, ninguém, nem a polícia, nem o governo, nunca conseguiu acabar com o Candomblé, uma instituição da *plebs* negra. O mesmo acontece com o fandango, com o samba, com as tradições nordestinas. Por exemplo, o meu livro *Pensar Nagô* (Vozes, 2017) já teve quatro reimpressões e nunca saiu uma nota em jornal. Ou seja, ele tem um mercado completamente independente da mídia. Isto quer dizer que é uma sociabilidade muito pouco visível. Então, há formas de sociabilidade que ainda emergiram, mas que estão aí.

P. PEREIRA: *Em outro vídeo, publicado no dia 15 de agosto, o senhor aborda a questão do “lugar de fala” nas redes sociais e afirma que “acreditar no enclausuramento e na identidade dada pelo lugar de fala é uma forma de cegueira”. Este enclausuramento seria um sintoma da linguagem psitacista, do não-diálogo, que o senhor falou na nossa primeira entrevista, característica da forma de sociabilidade das redes sociais?*

M. SODRÉ: O psitacismo é o discurso da rede. É a fala incessante que produz algum efeito quando pode ser viralizado. Ele viraliza quando 2 mil, 3 mil pessoas estão a mesma coisa, como foi o caso do “Presidente, por que sua esposa Michelle recebeu R\$ 89 mil do Queiroz?”. Há um efeito político nisso. Mas, individualmente, cada uma dessas falas é uma repetição, um *slogan*. O psitacismo é, portanto, esse falar repetido. O enclausuramento do lugar de fala é a não abertura à fala do outro, é estar preso em seu próprio lugar. É preciso abrir espaço para a dúvida do outro, ainda que essa dúvida venha forrada por algum preconceito. O que não

se pode abrir espaço é para a grosseria, para o xingamento. Em caso de violência, responda com violência. Você estará respondendo, honrando a fala do outro. Se ele lhe cospe, cuspa de volta. Você estará falando a linguagem que ele quer. Então, abrir o lugar de fala não é ser fraco, leniente. É querer dar lugar à fala do outro. Se a fala do outro é verbal, você tem que escutar. Por isso, eu acho que dizer que “só quem fala de negro é negro”, é um enclausuramento. Pode falar equivocadamente, mas, ao escutar, você abre espaço para o diálogo se estabelecer. Você “lagra”, você “cancela”, porque você não suporta o lugar de fala do outro. Se você não suporta o lugar de fala do outro, a sua posição é fraca.

P. PEREIRA: *Qual seria o prejuízo desse enclausuramento para a luta antirracista neste contexto?*

M. SODRÉ: O prejuízo é ter uma solução fora do diálogo, uma solução de força, de luta armada, mas que não resolveria a questão do racismo, pois ela é civilizatória e cultural. Ou então, resultaria na guetificação do grupo. Esse grupo pode ser rico, pode ser intelectual, mas será odiado pelo outro lado. Pelo histórico de violência e de opressão contra a população negra, eu entendo essa postura de enclausuramento. A sociedade brasileira ainda é racista. E acho que isso, às vezes, pode ser uma estratégia de luta. Mas o prejuízo é não avançar na superação da questão da discriminação racial. É por isso que aquilo que eu chamo de *pensamento nagô* é um pensamento de negociação. O sacrifício, a oferenda são negociações com os deuses. Nas relações amorosas há negociações. Por isso, os nagôs são grandes mestres da negociação – e as mulheres nagôs eram as melhores negociadoras. Negociar quando a guerra não é mais possível, como após a Revolta dos malês¹¹. O próprio terreiro de candomblé é uma forma de

¹¹ Revolta ocorrida em 24 de janeiro de 1835, em Salvador (Bahia), quando escravos malês, de origem muçulmana, tomaram as ruas da capital baiana, tendo como resposta a bárbara repressão por parte das forças do Estado

negociação com a sociedade. Você só negocia de forma civil, no sentido de poder falar e escutar e não fazer uso da violência.

P. PEREIRA: *Na exposição O SNI e a Comunicação, realizada em 2018 na ECO/UFRJ e coordenada pela professora Suzy dos Santos, foram exibidas fichas policiais de professores que eram monitorados pelo Sistema Nacional de Informações durante a ditadura civil-militar. Entre os documentos, estavam fichas com o seu nome, de 1976 a 1983, com informações pessoais e profissionais, incluindo sua atuação militante no movimento sindical docente na UFRJ e na UFF. Hoje, não há mais uma censura institucional como naqueles tempos. No entanto, há um discurso, que ganha cada vez mais espaço, de desqualificação da “verdade”, o que afeta a credibilidade do jornalismo e da própria ciência. O exercício do jornalismo hoje está mais fácil ou mais difícil? É possível traçar um paralelo entre esses dois momentos?*

M. SODRÉ: Naquela época, havia uma censura institucional e conjuntural em que eles colocavam mordaça na sua boca e te arrastavam para a prisão. A censura hoje é estrutural. Os algoritmos estão sequestrando a fala. A tradição televisiva em nosso país educou as pessoas para o pior. De modo que eu penso que o trabalho do jornalista hoje é mais difícil, porque ele precisa cavar o seu espaço. E precisa fazer isso porque ele é mais necessário do que nunca. Esse é o desafio. O jornalista só tem força e vigor na sociedade civil. Como dizia Ruy Barbosa, “o jornalista é a vista da nação”. Ele é o prolongamento do discurso liberal da sociedade civil. Portanto, é uma fala transitiva. Ora, está ficando provado que, mesmo com essa cacofonia das redes, as pessoas não perderam a confiança nos jornais. As pessoas querem fontes autorizadas. Este é o ponto-chave: falar autorizadamente. E quem dá autoridade ao jornalista para falar é a comunidade.

A fala do boato, do xingamento, é uma fala desautorizada. Ela grita, ofende e é também incômoda. Muitas pessoas desabam após receberem

ofensas pelas redes. Essa fala tem um poder de destruição que é o mesmo poder de destruição do ódio. Mas ela não substitui em nenhum momento a informação jornalística. Não pode, portanto, competir com a informação jornalística, a não ser onde as fronteiras ainda estão confusas. Quando houve a discussão sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo, eu perguntei: por que o diploma do advogado deve ser obrigatório e o do jornalista não?¹² Eu lhe garanto: o futuro do jornalismo é brilhante, porque hoje ele é mais necessário do que nunca. Está mais difícil atualmente pela questão do emprego, da estabilidade, do salário e da constituição do público. O jornal e o jornalista crescem junto com o público. Mas a própria instabilidade desse público instabiliza também a consciência do jornalista.

P. PEREIRA: *O senhor prepara as suas postagens no Instagram da mesma maneira como prepara as suas aulas? Como o senhor analisa a Educação e o papel do professor nesses tempos de pandemia?*

M. SODRÉ: Eu ainda não dei aulas *online*, mas o que eu tenho observado é um grande número de alunos por aula. É um trabalho maior do que a aula presencial. Ao mesmo tempo, é um pouco frustrante. Isso porque fica claro que a aula é mais do que uma distribuição de conteúdos. Tem algo do contato, do professor com aluno, de aluno com aluno. Eu sempre soube disso. Para mim é importante dar aula naquele prédio (da Escola de Comunicação, localizada no Palácio Universitário, no campus da UFRJ na Praia Vermelha), naquelas paredes, naqueles corredores. Então, no *online* falta isso. Falta o laço. A aula do professor com aluno, desde a infância, é sempre libidinal, no sentido que Platão dá o termo. Pode ser para o amor, ou para a raiva. Essa afetividade é necessária, ela é construtiva. Mas eu penso que é preciso reinventar as formas de dar aula,

¹² Para mais informações, acessar: <https://www.camara.leg.br/noticias/420590-ccj-aprova-exigencia-de-diploma-para-jornalistas/>. Acesso em 31 ago. 2020.

depois da Covid-19. Necessariamente, o ensino a distância tem que ser incorporado de uma forma híbrida com a forma presencial. E é preciso, cada vez mais, valorizar essa dimensão afetiva, que é política.